

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega
Portugal (franco de porte), m. forte...	3\$800	1\$900	645	130
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	—	—
Extrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

29.º Anno — XXIX Volume — N.º 988

10 DE JUNHO DE 1906

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Typ. do Anuario Commercial—Calçada da Gloria, 5

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.—Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

O Casamento dos Reis de Hespanha



S. M. O REI AFFONSO XIII

(Cliché da Photographia Fransen, de Madrid)



S. M. A RAINHA ENA VICTORIA

(Cliché da Photographia Beresford, de Londres)

Chronica Occidental

E entretanto continuaram as festas...

Não sei se isto será o que ha de mais triste no mundo, e se maior piedade que uma fonte de lagrimas deve inspirar o sorriso forçado de quem tem por dever mentir. Continuaram as festas em Madrid, que um longo cortejo funebre atravessou, talvez ainda por entre os mastros com festões nas ruas ornamentadas para o casamento de Affonso XIII. Era o enterro das victimas do cruel attentado. Um episodio no programma alegre. Como é triste a vida dos reis, que não podem ter jubilos tranquilos como os mais homens, nem, ao menos chorar tranquillamente as suas lagrimas!

Toda a tragedia de Madrid chamou tanto as atenções do mundo inteiro, que os mais assumptosmoreceram.

Até a politica portugueza, atravessando agora um periodo excepcional, não tem occupado nos jornaes o logar que lhe competia de direito, por motivo das camaras dissolvidas e das proximas eleições. A abertura das côrtes, a entrega do protesto pelos republicanos, a discussão sobre o direito do sr. Driesel Schröter a exercer as funções de ministro, se continuam ainda dando motivo a diferentes discussões, o publico em geral mais se commove por enquanto com os telegrammas, que, em grosso normando, os jornaes continuaram publicando sobre a tentativa de regicidio e suas consequencias e commentarios nos diferentes paizes e impressão n'elles produzida pelo triste acontecimento.

De volta de Madrid, já chegou a Lisboa o principe real, sr. D. Luiz Philippe. Retiraram-se os principes; findaram bailes, jantares, corridas e concertos. Madrid voltará brevemente ao seu estado

normal, e os dois noivos, que, desfeita a fumarada produzida pela bomba, foram avistados no coche abraçados um ao outro, poderão gosar um pouco da sua lua de mel.

Entretanto continuarão as conversações sobre o assumpto ainda por mezes, por annos, talvez enquanto exista uma pagina de historia. O assassino, Mateo Moral, que, depois de matar o guarda que lhe deitou mão, se suicidou, vendo a impossibilidade de fugir, ha de para sempre ser discutido, como o são todas as loucuras que, de quando em quando, como uma epidemia, fazem uma lugubre visita á humanidade.

Mas o attentado d'esta vez foi mais falado do que outro, porque a todos impressionou a occasião escolhida para realisar-o e porque as victimas designadas eram sympathicas por sua juventude e fama de bondade.

Nem isso commoveu aquelle que n'um ramo de

flores havia de lançar a morte sobre tantos innocentes e de transformar em luto uma festa em que tantos estavam com todo o coração.

A indignação foi enorme em todo o mundo. De Paris telegrapham que na abertura do conselho municipal o mais velho dos seus membros manifestou, a proposito do crime, sua grande indignação. Mostrou sua sympathia pela Hespanha e pelo monarcha que, ha um anno, tão carinhosamente foi recebido pela cidade de Paris. Unanimamente foram estas palavras applaudidas.



DR. AFFONSO COSTA — DR. AUGUSTO DE VASCONCELLOS — ANTONIO JOSÉ D'ALMEIDA — DR. BERNARDINO MACHADO — JOÃO DE MENEZES.

Portadores do protesto republicano às Côrtes

Sentiram alguns que Mateo Moral se houvesse suicidado, porque desejavam vel-o pagar o crime no patibulo. Comprehende-se que n'um repente assim se pense e por um desejo de vingança. Mas tantos que falam em castigar a crueldade, porque não cuidam antes de melhorar a alma humana, começando pela propria alma? Porque se ha de cuidar de castigar com deshumanidade os crimes contra a humanidade?

O escriptor Nakens, que ajudou a fuga de Mateo, publicou uma carta explicando o seu procedimento, que bem sabia não ser legal. Mas, diz elle, «nunca mais teria um momento de alegria, lembrando-me que um homem havia sido justificado por minha denuncia».

A imprensa hespanhola nem toda está de acordo avaliando a maneira por que Nakens procedeu, alguns applaudindo-o, outros dizendo que deveria ter posto fóra o acrata, nunca procurando meio de ajudal-o.

O jornalista, é fóra de duvida, tratou com humanidade quem tão deshumano havia sido. Se Mateo houvesse escapado com vida, decerto o proceder de Nakens lhe haveria de mais cedo avivar os remorsos do crime.

E as festas continuaram... Que tristes festas deveriam ter sido aquellas! Conta-se de actores e saltimbancos—e, por mais d'uma vez, os românticos aproveitaram o contraste em suas novelas—conta-se de muitos cujo officio é fazer rir, trajectas que entretanto lhes faziam sangrar os corações. Era velho o assumpto, muito explorado; já até o theatro o abandonára. As personagens são outras agora: são reis e rainhas que se vestem de gala e arrastam seus mantos pelas salas illuminadas. Ah! quem pudesse ler no coração d'uma mãe, nas almas d'uns noivos!

Continuaram as festas e os reis por toda a parte eram aclamados. Diz-se até que para hoje se projecta uma grande manifestação de todas as classes sociaes deante do palacio real para protestar contra o attentado.

Deu-se este no dia 31 de maio e, no dia seguinte, quando as cortes portuguezas abriram referiu-se El-rei, no discurso da corôa, ás modificações da lei de 13 de fevereiro. Houve quem notasse a coincidência; mas quem poderá deixar de applaudir um projecto que tende a modificar o que de mais tyrannico havia na lei portugueza?

Vai o governo proceder a novas eleições, devendo as camaras, diz-se, abrir em 29 de setembro. Fecharão no fim de dezembro para de novo abrir no dia 2 de janeiro.

O descanso, como se vê, será pequeno; os politicos não terão férias. Aproveitem-as agora, se puderem, se lhes derem algum descanso os projectos ministeriaes.

O tempo não vai propicio para repouso. Desde a grande trovoadá que pairou, uma d'estas noites, nas proximidades de Lisboa, o céu em vez de limpar-se e a temperatura em vez de diminuir, puzeram-se de accordo para desafinar os nervos dos habitantes. A atmospherá continua pesadissima e o sol, quasi sempre entre nuvens, um sol tristissimo, não se esquece de que vamos entrar no pino do verão.

Ora bem precisava o Grande Club de Lisboa que dias e noites o ajudassem nas lindas festas que nos promette. O cortejo nocturno do dia 13 dizem-nos que será deslumbrante.

Artistas de muito bom nome não faltam na direcção do Club: tudo nos faz crer que a alegria d'essas noites tradicionaes será dirigida pelo bom gosto.

Lisboa tem que preparar-se para receber os hospedes que lhe annunciam da America do Sul. Já o novo comboio expresso para Paris tomou o nome de *Sud America Express*. O *Figaro* de Paris publicou ultimamente alguns artigos muito favoraveis a Lisboa como ponto devendo ser escolhido para desembarque dos viajantes americanos que se dirigem para a Europa. Foi um grande serviço prestado a Portugal pelo famoso jornal francez.

O Grande Club de Lisboa, que muitos outros serviços pode ainda prestar, verá coroado com muito applauso os seus esforços primeiros. Elles o incitem para ainda mais o pôrem no bom caminho da transformação artistica de Lisboa.

Falemos de festas, mas não esqueçamos tristezas. Enviemos os nossos pesames aos que soffrem. De dois mortos havemos de falar, do Cardeal Macchi, nuncio apostolico em Lisboa e que tão estimado era na nossa sociedade, e do Conde de Arnoso, João, arrebatado aos seus, quando uma primavera esplendida lhe sorria. Um cumpriu o seu dever servindo santa causa; para o outro abria-se um caminho cheio de flores, tão intelligente e sympathico era a todos, como o tem sido seu pae, de quem elle herdára as optimas qualidades. Juntemos mais uma lagrima ás muitas lagrimas choradas.

JOÃO DA CAMARA

Casamento dos Reis de Hespanha

O auspicioso consorcio dos Reis de Hespanha, que annunciamos a nossos leitores ha pouco menos de trez mezes, no n.º 980 do OCCIDENTE de 20 de abril, é hoje um facto consumado.

Toda a Hespanha rejubila; Madrid, a *Vila Coronada* vestiu suas galas mais festivas para celebrar o casamento do seu rei, com uma princeza ingleza, uma neta da rainha Victoria, uma sobrinha do rei Eduardo VII (1); uma nova aliança da familia real de Hespanha com a familia real de Inglaterra, como no seculo XII, Affonso VIII, desposou a princeza Leonor, filha de Henrique II de Inglaterra (1170); D. Catharina de Lencastre vem casar com o primeiro principe das Asturias, Henrique; e no seculo XVI a desditosa Maria Tudor casa com o principe Philippe, filho de Carlos V, depois Philippe II de Hespanha, casamento de amor, tão mal correspondido, que Philippe facilmente deixa a formosa rainha de Inglaterra, para vir tomar conta do reino de Hespanha que Carlos V n'elle abdicou.

Que a nova alliança seja mais feliz para os jovens monarchas, que por amor casam; e esse casamento, que é hoje uma esperanza para a nossa visinha Hespanha, traga todas as felicidades aos noivos em seu reino, que jubilosamente os aclama entre festas e alegrias.

Assim estava tudo disposto para as bodas reaes. De todos os pontos de Hespanha converge gente a Madrid; todas as nações mandam ali seus representantes; chegam os principes estrangeiros com suas comitivas. As principaes ruas da cidade estão vistosamente decoradas, em plena festa, a que não falta o grande concurso do povo.

O dia 31 de junho nasceu com sol radiante, tambem o céu se associa á festa, á boda real.

Em direcção á igreja de S. Jeronymo segue o cortejo, numeroso, deslumbrante de riqueza em suas equipagens. São os principes estrangeiros; são os grandes de Hespanha; é toda a côrte, emfim,

que acompanha os reaes noivos, n'uma extensa fila de coches que passam por entre as alas das tropas formadas em todo o trajecto.

As aclamações do povo succedem-se com vivo enthusiasmo. Os noivos voltam da igreja, onde perante o altar de Deus uniram as suas existencias.

Vem felizes e d'essa felicidade partilha o povo que os applaude, dando palmas e soltando exclamações de admiração pela formosura da sua nova rainha.

Como Affonso XIII vae tão satisfeito com sua noiva, ao vêr-se tão enthusiasmicamente victoriado pelo seu povo.

E' no meio d'esta alegria, em que a multidão se agita, vivaz e satisfeita, que rompe os ares estrondosa detonação e uma nuvem de fumo envolve por momentos o coche real, na Calle Mayor.

Horriavel momento aquelle de anciedade para saber o que teria succedido aos reaes noivos, até que desfazendo-se o fumo, se poude vêr o rei Affonso á portinhola do coche, gritando que não fóra nada e, que tanto elle como a rainha estavam illesos. Era mister, sim, acudir aos mortos e feridos que jaziam pelo chão.

Os reis tiveram de mudar de coche porque uma das parelhas que puchavam o coche real cahira ferida pela bomba.

O monstruoso attentado fóra commettido por um inimigo da sociedade, que de uma janella do quarto andar da casa n.º 88 da Calle Mayor, arremessara sobre o coche real uma bomba incendiaria, envolvida em um ramo de flores.

Este deploravel incidente, a que adiante nos referiremos mais detidamente, foi como que uma sombra negra a cobrir de luto a alegre festa.

Quantas lagrimas choradas, nos paços reaes, e nas choupanas, porque até ao povo chegou a dôr de tão monstruoso crime, que victimou innocentes, attingidos pelo instrumento de morte, arremessado por um louco criminoso para o meio da multidão.

As festas marcadas no programma, resolveu o governo que continuassem, mas perderam seu maior brilho, porque em cada coração o tragico acontecimento pôz uma nota triste, a par da indignação contra aquelle que viera perturbar o dia mais feliz de duas almas que se amam como é o da sua legitima união, o dia mais feliz da vida até para os mais pobres e humildes, assim desrespeitado, affrontado e tinto de sangue innocente.

Não quiz o céu que os jovens monarchas fossem attingidos pela terrivel bomba. Do attentado sahiram illesos, despertando pelo mundo mais e maiores sympathias, que de alguma fóрма irão compensar os regios noivos do muito que terão soffrido nas primeiras horas de seu casamento, e lhe façam prever um futuro mais risonho, prospero e feliz.

Presente de Nupcias dos Reis de Portugal aos Reis de Hespanha

Ao casamento dos reis de Hespanha concorreram representantes de todas as nações, que muito especialmente se fizeram representar por príncipes de suas casas reinantes.

De Portugal foi especialmente enviado a Madrid, S. A. o Principe Real D. Luiz Philippe, a representar os reis portuguezes como a nação portugueza, no real casamento.

Não faltaram ao principe portuguez todas as attentões e gentilezas na côrte de Madrid, como a todos os príncipes que ali estiveram e assistiram a todas as cerimoniaes e festas do casamento real.

Como presente de nupcias de Suas Magestades, Sua Alteza foi portador de uma formosa taça de prata, obra d'arte primorosa, executada nas officinas do Sr. Leitão & Irmão, por artistas portuguezes, e que é mais um documento honroso para a ourivesaria nacional e para o Sr. Leitão que se tem empenhado em conservar e até desenvolver as tradições da ourivesaria portugueza, que contou um Gil Vicente, um Zacharias da Costa e tantos outros artistas que lhe deram brilho.

A taça, que mede de altura 0,60^{cm} e de diametro 0,70^{cm}, é um primoroso trabalho cinselado em prata, em estylo manuelino dos mais graciosos motivos ornamentaes, onde sobresaem as armas de Portugal e de Hespanha custosamente cinseladas, e de lindo desenho.

Esta taça que vae figurar entre os mais ricos presentes oferecidos aos regios noivos, não merecerá entre elles, em riqueza e arte, n'esta sobre tudo, que é o que moralmente mais importa, para que estrangeiros possam apreciar quanto em Portugal se cultiva e conserva a grande arte da ourivesaria tradicional.



TAÇA DE PRATA CINZELADA, PRESENTE DE NOÇIAS DOS REIS DE PORTUGAL AOS REIS DE HESPAHIA
Executada nas officinas dos srs. Leitão & Irmão

O Attentado

Do monstruoso attentado que enluctou a Hespanha e encheu de indignação o mundo, podemos archivar n'estas paginas um documento valioso, como é o instantaneo tirado pelo sr. Romano, no momento em que a bomba regicida explodiu e envolveu em uma nuvem de fumo o coche real e parte do cortejo que lhe ia proximo.

A explicação d'este instantaneo é facil sabendo-se que por todo o trajecto do cortejo real estavam dispostos photographos com suas machinas tirando clichés do que se ia passando, acontecendo que o sr. Romano tinha sua machina assestada para photographar o coche real, no momento em que veio a bomba e fez explosão.

Pouco depois do horrivel attentado soube-se que o seu auctor era Mateo Moral, catalão, filho de um industrial importante, que o mandara educar em Allemanha. Mateo Moral era um revoltado contra a sociedade e tão exaltado que não quiz viver com a familia, de quem se apartou nos principios d'este anno, recebendo de seu pae 10:000 pesetas.

Viveu em Barcelona em uma casa de hospedes e chegou a Madrid poucos dias antes do casamento real, hospedando-se em um quarto da casa n.º 88 da Calle Mayor. O aposento, no quarto andar do predio, tinha uma janella para a rua, donde Mateo Moral arremessou a bomba, metida em um ramo de flores, sobre o coche real.

A bomba cahindo não attingio felizmente o coche, mas nem por isso deixou de fazer bastantes victimas, principiando pelas pessoas que estavam nas janellas dos primeiro, segundo e terceiro andares, immediatamente inferiores á janella donde Moral lançou a bomba explosiva e onde logo fez quatro victimas sendo: uma, a menina Carmen Prieto, D. Antonio Calvo Gonzales, a marquesa de Tolosa e sua filha a condessa de Adanero. Alem d'estas outras pessoas logo morreram, tambem na rua attingidas pela mortifera bomba, entre ellas officiaes e soldados da tropa que formava alas, subindo a cento e tantos o numero de mortos e feridos.

O causador de tantas desgraças não ficou muito tempo impune, e parece que tanto o horrorizou o crime cometido, que não pôde resistir a justiça-se por suas proprias mãos.

A policia de Madrid lançou mão de todos os recursos para prender o criminoso logo que soube quem elle era.

O governo offereceu 25:000 pesetas de premio a quem conseguisse capturar Mateo Moral.

Não tardou muito que elle fosse preso em Ventorro, aldeola proximo de Torregon.

Mateo Moral dirigira-se ali a uma locanda onde comeu, mas o locandeiro observando-o pareceu-lhe reconhecer, pelos signaes descriptos nos jornaes do dia, o auctor do attentado contra

os reis de Hespanha. Sob esta impressão sahio o locandeiro de casa e encontrando perto um cabo de policia, communicou-lhe o que tinha observado, dirigindo-se depois para a estação do caminho de ferro para ver se o forasteiro iria tomar passagem no primeiro comboio.

Entretanto Mateo Moral terminava a sua refeição e, sahindo da estalagem encaminhou-se para a estação do caminho de ferro, onde encontrou proximo o cabo de policia com quem o estalajadeiro havia estado. Moral dirigio-se-lhe a perguntar a que horas havia comboio; o cabo de policia, porém, reconhecendo por sua vez em Moral os signaes indicados n'um jornal que lera, perguntou áquelle que pelos documentos de identidade o qual não os apresentando, foi-lhe intimada prisão pelo cabo, a que Moral logo se submeteu, não manifestando signal de resistencia e seguindo o captor, que era homem bem apessoado e vigoroso.

Não haviam caminhado ainda muitos passos em direcção ao posto de policia, quando Mateo se virou subito para o cabo e sobre elle desfechou á queima roupa um tiro de revolver que lhe atravessou o peito deitan lo-o por terra. Acto continuo Moral virou contra si a arma homicida e disparou-a contra a cabeça cahindo instantaneamente morto.

Mateo Moral era um revoltado de tal ordem que nem á justiça humana deixou o punir-lhe o crime.

Puniu-se elle a si proprio, n'um impeto de orgulho, de tanto mal que houvera feito, sem se lembrar, seguramente, que acima da justiça dos homens, e da sua propria, estava a justiça divina a justiça de Deus, desapaixionada e fria, a que não poderá eximir-se.

Congresso da União Postal Universal

Temos hoje o ensejo inadiavel de enriquecer de novo a galeria da nossa revista com o retrato mais recente do sr. Conselheiro Alfredo Pereira, director geral dos Correios e Telegraphos, a quem o governo confiou a honrosa e difficil missão de representar Portugal no Congresso da União Postal Universal que se realisou em Roma.

Ainda está na memoria de todos a maneira brilhante como o digno director geral dos correios se houve em Londres por occasião do ultimo congresso telegraphico, onde se distinguiu por tal arte e tão alto levantou o nome portuguez que levou a unanimidade dos membros do congresso á escolha da cidade de Lisboa para sede do futuro congresso, honra ambicionada por muitos outros paises.

Quando o sr. Conselheiro Alfredo Pereira, a 4 de abril, partiu para Roma, todo o pessoal de correios

e telegraphos, que os deveres de serviço não retinha, correu pressuroso a prestar-lhe homenagem de despedida, e reconhecia-se a satisfação de que todos se achavam possuidos por ver o seu prestigioso chefe investido em uma missão de honra e de confiança, pois lhe estavam commettidos serios interesses do pais.

Dois dias antes esse mesmo pessoal offerecia ao seu director as insignias da commenda de S. Thiago, com que o governo de Sua Magestade vinha de o agraciar, em reconhecimento dos serviços prestados ao Estado com uma intelligencia e zelo inexcusaveis.

Estas manifestações são a pedra de toque da estima em que o sr. Conselheiro Alfredo Pereira é tido por todos os seus empregados, que sabem encontrar n'elle um amigo e um disvellado protector, que allia aos rigores de uma indispensavel disciplina uma bem entendida benevolencia, em que se traduz o seu caracter bondoso.

Já chegaram até nós os echos do Congresso. Os factos não desmentiram as previsões. Logo na primeira sessão, após a da inauguração, a que presidiam Suas Magestades os Reis d'Italia, o sr. Alfredo Pereira propoz que o Congresso apresentasse aos soberanos uma mensagem de agradecimento por se terem dignado iniciar os trabalhos, honra até então não conferida pelos chefes d'Estado aos congressos anteriores. Este acto de cortezia foi calorosamente applaudido e approvado por aclamação, e justamente apreciado pela generalidade da imprensa italiana, que d'elle se occupou com palavras elogiosas para o nosso representante. Por sua parte os Reis d'Italia distinguiram-no com attensões especiaes.

No decurso dos trabalhos do Congresso, o sr. Conselheiro Alfredo Pereira, que lhes tem dispensado todo o seu *savoir faire* e vastos conhecimentos, conseguiu ver approvadas a maioria das propostas de Portugal, quando outros paises, taes como a Suissa, a Hollanda, a Belgica e até a propria Inglaterra viram os seus alvitres, em grande parte, regeitados. E, como representante das nossas colonias, obteve para ellas o direito de dois votos nos congressos, em attenção á vastidão do nosso dominio colonial, valiosa garantia que lhe foi fortemente impugnada mas que teve a gloria de ver approvada, mercê da sua habil argumentação.

Bem andou o governo confiando ao seu patriotismo e á sua reconhecida competencia os interesses do pais, que, ainda á custa dos maiores sacrificios, elle saberá sempre honradamente defender.

Como seu adjunto e auxiliar fez-se o sr. Conselheiro Alfredo Pereira acompanhar do sr. José Augusto Thomaz Ferro, chefe da divisão do serviço internacional da Direcção Geral dos Correios e Telegraphos, funcionario a todos os titulos digno de completar a nossa representação no Congresso.

Desde 13 de setembro de 1865 que vem desempenhando no serviço dos correios o seu valioso prestimo, com talento e um progressivo augmento de conhecimentos e aptidões, que o levantaram á situação proeminente que hoje occupa n'este ramo do serviço publico.

D. ANTONIO MOUTINHO

NOVO BISPO DE CABO VERDE

No dia 1 de abril desembarcou na ilha de S. Nicolau de Cabo Verde, o sr. D. Antonio Moutinho, venerando Bispo d'esta diocese, e do porto da Preguiça foi acompanhado para a sua residencia no Calejão, por uma numerosa cavalgada sob arcos de verdura e bandeiras, por entre o estuziar dos foguetes, que echoavam nos alcandôres do Calejão, como gargalhadas de alegria em concerto com as hilariantes acclamações do povo que saudava o seu novo Prelado.

O paço estava caprichosamente enfeitado com arcarias de verdura, bandeiras e balões venezanos.

No dia 5 fez o sr. D. Antonio Moutinho a sua entrada solemne na villa da Ribeira Brava e Sé Cathedral, que dista da residencia do Bispo uns 3 kilometros.

Não obstante a falta de recursos numa população que ha annos, se vê a braços com a miseria o sr. D. Antonio Moutinho deve ter ficado gratamente impressionado, ao vêr as ruas transformadas em veredas de verdura, quando não eram pomares de bananeiras, tão ao natural, que parecia terem ali amadurecido os bellos cachos pendentes!

Congresso da União Postal Universal



CONSELHEIRO ALFREDO PEREIRA, ENVIADO DO GOVERNO PORTUGUEZ AO CONGRESSO DA UNIÃO POSTAL UNIVERSAL, EM ROMA

Paula que fundou em 1897 e que distribue mensalmente aos pobres quantia superior a 400.000 reis! e o Circulo Catholico de Operarios que fundou em 1898.

Com esta assombrosa actividade accumulava o cargo de professor de sciencias ecclesiasticas no Seminario do Porto, para que foi nomeado em 1892, cabendo-lhe recitar a oração de sapiencia em 1896.

Nesta data, o fallecido Cardeal D. Americo, que tanto o considerava, proclamou-o padre benemerito da sua diocese.

Exercou ainda os cargos de examinador pro-synodal, vigario do 1.º districto da Feira, vogal da junta da repartição das Congruas etc..



JOSÉ AUGUSTO THOMAZ FERRO, ANJUNTO AUXILIAR DO ENVIADO DO GOVERNO PORTUGUEZ AO CONGRESSO DA UNIÃO POSTAL UNIVERSAL.

No dia 5, ás 6 horas da tarde, houve no Seminario o jantar official offercido por este estabelecimento e pelo Cabido, a que assistiu todo o elemento official, burocratico e commercial.

O primeiro brinde foi do sr. governador do Bispado rev. Conego Oliveira Bouças, que, num brilhante discurso, saudou o inclito Prelado, seguindo-se-lhe o sr. Presidente do Cabido — M. Rev. Thesoureiro Mór, Joaquim da Silva Caetano, que em nome do Cabido deu as boas vindas a s. ex.ª numa bem elaborada allocução. Em terceiro lugar saudou s. ex.ª em nome do povo caboverdiano o rev. Conego Antonio M. da C. Teixeira.

S. ex.ª a todos agradeceu, vivamente commovido, em primorosas phrases, cheias d'amor paternal.

Aqui o jantar, que tinha corrido todo official e cerimonioso, passou aos dominios do sentimento, pedindo alguns oradores permissão de fallar, que s. ex.ª concedeu de bom grado.

Fallaram com enthusiasmo o rev. Conego Coimbra, sr. Carlos Bento, e o auctor d'estas linhas. Fallou tambem e muito bem o sr. P.ª Raphael dig.ºº secretario de S. Ex.ª, agradecendo as saudações que lhe foram feitas numa manifestação de muita sympathia, que soube inspirar, e em homenagem ao seu grande talento musical manifestado na primorosa execução do bello *Te Deum* de Casimiro, que acompanhou no excellent organo da Sé.

Todo o Seminario estava artisticamente adornado, predominando as abobodas de verdura, bandeiras e venezianos. Foram tiradas algumas photographias pelo distincto amator sr. A. Carvalho.

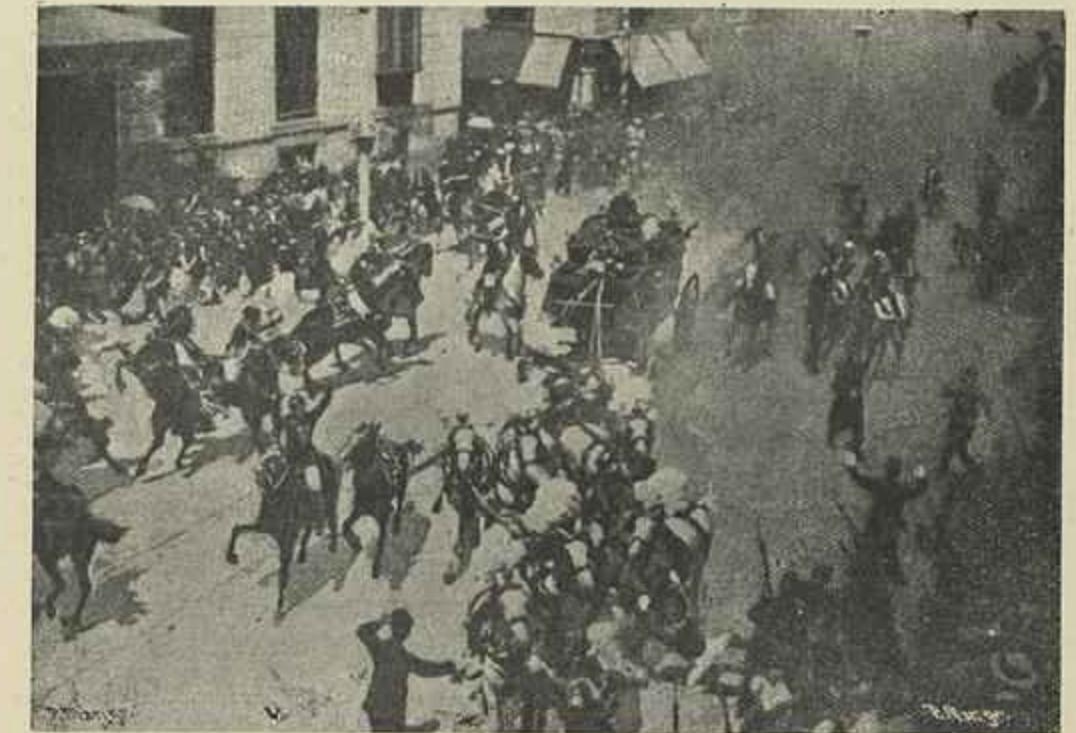
O illustre prelado que hoje governa a diocese de Cabo Verde, nasceu em 17 de dezembro de 1861, na Granja, freguezia de Aguas Santas, Porto.

Tendo terminados os seus estudos com notavel aproveitamento, no Seminario do Porto, recebeu o presbyterato a 19 de setembro de 1885 e celebrou a 1.ª missa a 28 do mesmo mez e anno.

Frequentou com distincção a faculdade de Theologia na Universidade de Coimbra, formando-se bacharel em 1895.

Em 3 de dezembro de 1891 foi encarregado da freguezia de Villa Nova de Gaia, collocando-se na mesma a 8 de agosto de 1898.

Dotado d'esse ardente zelo d'incançavel propa-



MOMENTO EM QUE ESTALOU A BOMBA SOBRE O COCHE REAL, NA CALLE MAIOR

(Instantaneo do sr. E. Romano)

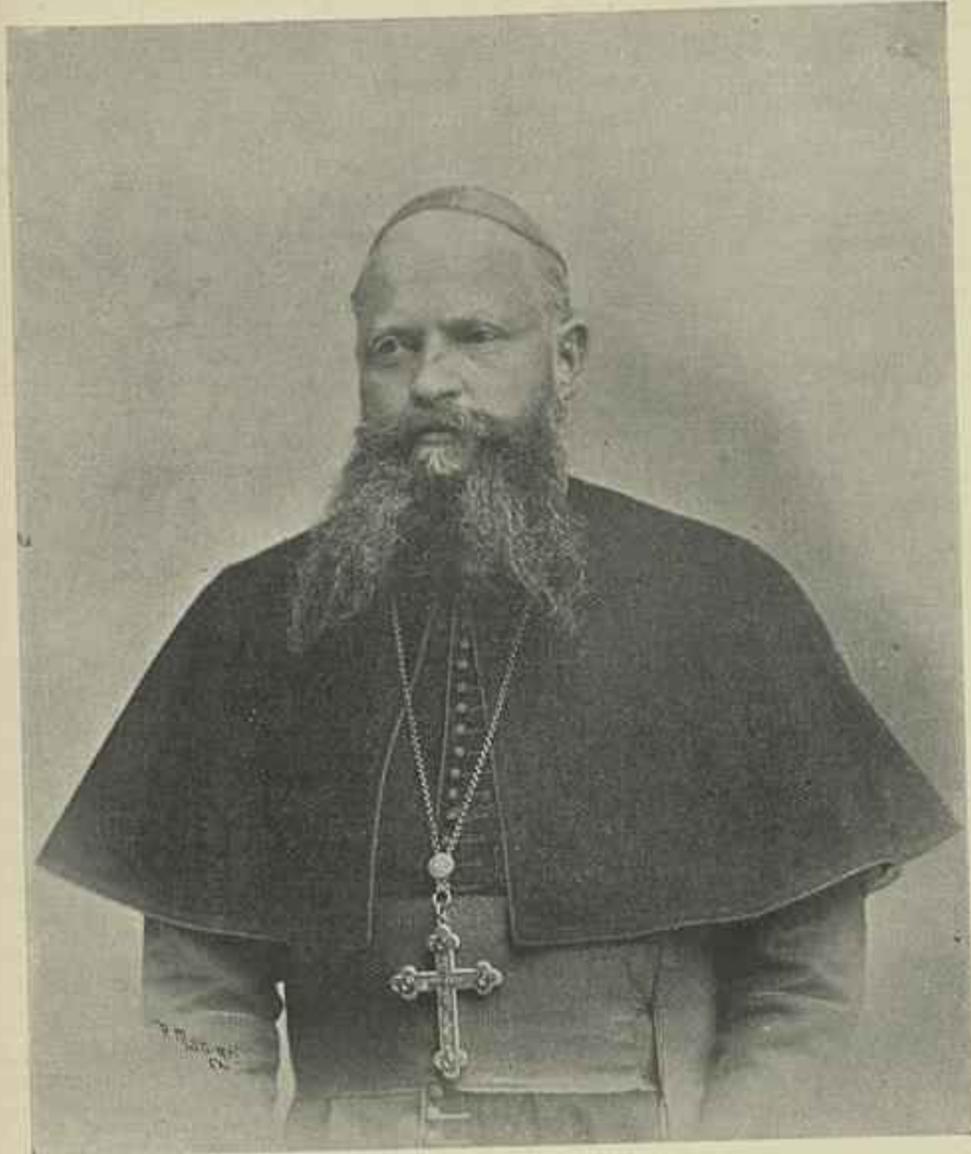
gandista, prégava, catequisava, fundava escolas, guiando todo o seu espantoso labor pela sublime caridade evangelica que não procura notabilisar-se, mas busca nos atalhos da obscuridade os que soffrem para lhes levar o conforto. Nisto se resume o seu munus pastoral em Gaia.

Seria impossivel innumerar aqui as escolas que fundou, as obras de beneficencia que creou, auxiliou, desenvolveu e patrocinou. Mencionemos entre muitas, a Conferencia de S. Vicente de

Foi nomeado Prelado de Moçambique em 7 de março de 1901 e sagrado Bispo titular d'Argos, na Sé do Porto na Epiphania de 1902.

O novo Prelado de Moçambique não desmentiu o infatigavel zelo do parochio de Gaia.

Vizitou toda a extensa provincia, excepto o Zumbo, por falta de carregadores para aquella região. Os que conhecem a Africa sabem que



D. ANTONIO MOUTINHO, NOVO BISPO DE CABO VERDE
(Cliché da Photographia União, do Porto)

Cemiterio de Chibuto, estando presentes o sr. Governador do districto, tenente coronel J. Alfredo F. Margarido e mais auctoridades.

No districto da Zambesia que percorreu todo em perigosas e penosissimas viagens, soube o nobre prelado da morte de Leão XIII e exaltação de Pio X, ordenando immediatamente solemnes exequias pelo primeiro e entoando depois um «Te Deum» em acção de graças pela feliz elevação ao Pontificado do segundo, na igreja da missão de Boroma.

Promoveu a criação do Instituto Pio X na cidade da Beira destinado ao abrigo e educação de creanças do sexo feminino.

— Muito lhe deve tambem a Escola de artes e officios de Lourenço Marques onde estabeleceu a expensas suas uma officina typographica, offerecendo uma excellente machina *Marinoni* que custou 1:700\$000.

— Da obra da Santa Infancia conseguiu um importante subsidio para construcção d'um refeitório e dormitorio dos alumnos do Instituto Leão XIII, de Cabeceira Grande.

— A instancias suas foram concedidos os ter-



PADRE RAPHAEL PEREIRA DUARTE
Secretario do Ex.^{mo} Bispo de Cabo Verde

uma visita pastoral em tão extensa provincia, de tão pestifero clima e com taes meios de viação, equivale á abnegação do martyrio! Se o sonhasse Fr. Luiz de Sousa, teria como ameno recreio a digressão de Fr. Bartholomeu dos Martyres pelas alcandoradas serras de Barroso, comendo as *patrias couves* entre christãos amigos!

Ao percorrer o districto de Gaza, ainda tinto do sangue dos heroes de Chaimite, não quiz o patriotismo e a piedade, que são o mesmo bello monograma de s. ex.^a, deixar de pagar um piedoso tributo de gratidão aos nossos irmãos ali mortos pela patria, supplicando ao Deus dos exercitos pelo seu eterno descanso. Commoventes foram os suffragios celebrados em Marraquene e depois, mais longe, em Magul a que assistiram alguns regulos ex-subditos do terrivel Gongunhana, que haviam tomado parte nos combates contra os uossos.

Interessou muito a s. ex.^a a descripção dos horrores da guerra e heroismo dos portuguezes, feita por um d'estes regulos — o do Messano.

No Chibuto celebrou missa campal na inauguração do primeiro monumento levantado em Africa a Mousinho d'Albuquerque, proferindo uma commovente e patriotica allocução, allusiva aos gloriosos feitos do Sapião portuguez. Nesta mesma occasião benzeu solemnemente o



O NOVO BISPO DE CABO VERDE D. ANTONIO MOUTINHO, SAHINDO DA SÉ, NO DIA DA POSSE SOLEMNE
(Photographia do sr. A. Carvalho)

renos ha tanto tempo reclamados e necesarios para o desenvolvimento da missão de S. José de L'honguene.

A causa da instrucção e evangelisação d'aquella provincia, tão rica de promessas para o nosso futuro, mereceu ao zeloso Prelado o melhor dos seus cuidados e actividade e se este facto não estivesse bem provado pela especial protecção aos instructos escolares, destinados a arrotar as intelligencias e formar o coração d'aquelles neophitos da civilisação, bastaria um facto do maior alcance ao mesmo tempo politico e religioso. Referimo nos ás exhortações que dirigiu aos missionarios para que estudassem as linguas e dialectos das suas regiões, enviando os seus trabalhos a uma commissão encarregada de apreciar estes estudos linguisticos. Para exemplo e estímulo, mandou imprimir na typographia da Escola de Artes e Officios e adoptar na Prelasia o catecismo em lingua Macua do benemerito rev. José Vicente do Sacramento.

— Quem não desconhece de quanta energia moral ha mister o soldado da cruz, esse sublime pioneiro da civilisação que se chama missionario, tanta vez desalentado numa lucta de tantos elementos negativos, comprehenderá o valor d'outra importantissima obra do sr. D. Antonio Moutinho — os exercicios espirituales ao clero que iniciou com tão proficuos resultapos ao sul de Moçambique.

— Ter-ninho o operoso Prelado o seu governo em Moçambique por uma das mais grandiosas solemnidades que se tem feito na provincia: as festas do 50.º anniversario da Immaculada Conceição, em cujo programma se destacam dois numeros: a imponente 1.ª communhão de 600 creanças que o venerando Prelado, verdadeiro amigo da infancia quiz acompanhar em alegre e festiva excursão até Ressano Garcia — fronteira portuguesa; e o numero unico collaborado por quasi todo o episcopado portuguez e missionarios — um bello volume nitidamente impresso pelos alumnos da Escola de Artes e Officios.

Bispo, segundo os modelos apostolicos, considera-se como um simples dispensador dos reditos do seu beneficio, e é assim que todos os seus haveres de hoje se acham incondicionalmente hypothecados ás primeiras lagrimas que seja preciso enxugar, ao primeiro instituto de beneficencia que haja mister de soccorro — quantas vezes não é o dia de amanhã que ha-de responder pelas liberalidades de hoje!

Transferido para Cabo Verde, quando se dirigia para ali em abril de 1905 foi acommettido por grave doença que o obrigou a vir restabelecer-se á metropole, e só em março do corrente anno pôde dar entrada solemne na sua actual diocese que o recebeu com verdadeiro affecto filial.

I. NORONHA GALVÃO.

Padre Rafael Pereira Duarte

SECRETARIO DO EX.º BISPO DE CABO VERDE

É natural da villa de Alpedrinha e fez os seus estudos no Collegio das Missões, em Sernache de Bom Jardim, onde se distinguio pela sua intelligencia e notavel aptidão para a musica. Musico distincto, foi regente da orchestra de Sernache, e em Moçambique e Lourenço Marques muito concorreu para o brilho do culto e frequencia das funcções religiosas.

Exerceu na Africa oriental varios cargos de confiança, como escrivão da Camara Ecclesiastica, promotor, secretario do bispo e parochio de diversas freguezias, nomeadamente a de Lourenço Marques.

Dirigindo por algum tempo a Escola de Artes e Officios, a que deu o impulso intelligente do seu espirito entusiasta pelo progresso, ali estabeleceu uma officina de typographia, dirigindo pessoalmente todos os trabalhos, e ensinou aos alumnos da escola a arte de typographo que nunca tinha aprendido! Esta maravilha valeu-lhe um louvor do governo da provincia.

O sr. D. Antonio Moutinho, que lhe conheceu os meritos, escolheu-o para seu secretario, e Cabo Verde tem a esperar muito d'este talentoso sacerdote, ainda novo e cheio de entusiasmo.

A Sezinando Ribeiro Arthur

FIM TRAGICO DE UM HEROE DA GUERRA PENINSULAR

POR

W. H. MAXWELL.

A narrativa que hoje damos a lume tem como assumto o fim trajico a par de lastimoso de um

dos heroes da Guerra Peninsular, cuja valentia e brilhantes feitos de armas ficaram lendarios nos annaes d'esses tão denodados regimentos escosseses — os highlanders — os soldados de saias, — que assim os appellidava entre nós o povo, para o qual eram objecto de uma quasi supers-ticiosa admiração.

Victima dos rigores de uma lei implacavel, mediante a qual o codigo militar da Inglaterra seria sem piedade a todo e qualquer official que tomava parte n'um duello, foi-lhe cortado o fio da existencia em pleno esplendor de uma brilhantissima carreira, encontrando em vez da justa recompensa á qual lhe davam jus os seus serviços relevantes, morte ignominiosa ás mãos do algoz.

O tão excentrico e corajoso major Campbell — segundo reza a lenda — fez toda a campanha peninsular encavalgada a sua athletica e gigantesca pessoa num garranito, num calhambéque hirsuto e de aspecto burlesco, tão invulneravel como o dono, ao que parecia, e alternando os golpes titanicos do seu *claymore* com as cacheiradas de bota-abaixo de um alentadissimo vergueiro, arrancado a um carvalho secular das montanhas da sua Escóssia, habitaculo do *clan* a que pertencia, que assim designam os escosseses as suas tribus ou grupos tradicionaes de familias. e as suas aventuras inspiraram ao popularrissimo escriptor inglês J. Grant um lindo romance, intitulado: «The Highlanders in Spain», cujo assumto é os brilhantes feitos de armas dos soldados escosseses na Peninsula.

Cedamos, porém, a palavra a Maxwell, o elegante historiografo dos factos da Guerra Peninsular, de cuja obra capital nos coube já a honra de apresentar, ha annos a esta parte, aos leitores do occidente, mais de um extracto incluindo os episodios mais interessantes da mesma obra e mais proprios tambem a interessar o leitor portuguez.

Se os tempos que vão correndo podem ser increpados de agravamento de criminalidade, cumpre admitir que se deu notavel mudança quanto ao grau e ao caracter dos criminosos. Uma certa ordem de coisas tem concorrido para tornar menos frequentes os crimes de léso-Estado — e sentenças castigando a traição são actualmente letra morta nos registos criminaes — o «machado do algoz» — come-se de ferrugem na armaria da Torre de Londres — «Nobres e Lords» e «Fidalgos de antiga estirpe» raro é o comparecerem no banco dos réus — e ainda mais raro cair a punição capital sobre alguém extremado-se pelo nascimento e pela abastança das classes infimas da communiidade.

Seria uma inferencia contestavel o devermos attribuir semelhante mudança a qualquer reforma nos principios das clases superiores, — e o facto resulta de uma causa simples. Nestes nossos dias os individuos de illustre nascimento e os abastados encontram escasso incentivo para a violação das salutareas restricções da lei — e sejam quaes forem as infracções contra o codigo moral, o criminal é sempre acatado. Na perda dos privilegios e honrarias, ordinariamente, acham-se comprehendidos os delictos da classe aristocratica — e o desdouro e o esbulhamento das mesmas honrarias eis as penas mais severas em que incorrem os deliquentes.

E sem embargo, ao alcance da nossa memoria, podemos encontrar excepções a semelhante regra. Homens de superior jerarchia se tem eventualmente apresentado como criminosos: e conforme o exigia o bem estar da sociedade, a mão imparcial da justiça visitou suas offensas com imitigada severidade.

Entre os poucos casos deploraveis, um reléva podendo ser relembrado com viva magua. Jamais crime cometido haverá encontrado maior numero de apologistas — não haverá memoria de castigo que haja excitado tão geral simpatia — e, ao passo que a sentença estava em absoluta concordancia com a lei, os ethicos mais austeros lamentavam a circumstancia de exigir a justiça uma victima qual era o Major Alexandre Campbell.

Este malfadado cavalheiro era descendente de uma antiga familia das Montanhas da Escóssia.

Havendo entrado para o exercito em verdes annos, serviu ás ordens de Sir Ralph Abercrombie, e sobremodo se distinguio na campanha do Egypto. Posteriormente, foi transferido de um dos corpos escosseses para o 21.º regimento de fusileiros, e a sua promoção á patente de major, segundo consta, havia melindrado o capitão mais antigo do regimento. O certo é, que entre os dois officiaes não existia a minima cordealidade. De parte a parte, pouco ou nada se esforçavam por encobrir a mutua antipathia — eram frequentes colericas altercações — e o genio de Campbell,

constitucionalmente assomado, irritava-se a miude ante o géldido espirito de contradicção da sua infeliz victima.

O 21.º regimento achava-se aquartelado em Newry ao effectuar-se a inspecção semestreal, e, na qualidade de official mais antigo, o major Campbell commandava o corpo naquelle ensejo. Depois de jantar, no decurso da conversação, o capitão Boyd afirmou que Campbell tinha dado uma voz de commando incorrectamente, na parada, e d'ahi resultou uma discussão acalorada e irritante. Infelizmente, a mēsa dos officiaes, aquella noite, achava-se deserta, por motivo do theatro, onde estes haviam concorrido para assistir a um espectáculo, — e os disputantes entregues a si proprios, no momento em que a presença de um amigo sensato haveria podido evitar facilmente a catastrophe.

Esquentado pelo vinho, e exasperado por aquillo a que considerava como um insulto profissional, Campbell levantou-se da mēsa correu apressado para o quarto, carregou as pistólas, voltou, mandou chamar o capitão Boyd, arrastou-o consigo para uma casa de jantar mais interna, fechou a porta, e, sem a presença de um amigo ou de uma testemunha, exigiu immediata satisfação. Mutuaram tiros, acto-continuo — e logo ao primeiro, caiu Boyd mortalmente ferido.

O moribundo foi transferido para os seus aposentos, no quartel, e Campbell afastou-se, rapido, de scena tão sangrenta.

Estos da paixão abrandaram a breve lance, e o seio do malfadado homicida foi atormentado pelo remorso, tardio quanto inefficaz. Em estado de frenesi mental, arremeteu para o quarto em que jazia a sua victima, nos braços da esposa louca de dor, e rodeado pelos filhos de menor edade. O homicida, de joelhos, implorava perdão, instando com Boyd para que declarasse «que se dera tudo horosamente». O moribundo, cujo sofrimento era intenso, ás repetidas instancias do contendor, respondia: «Deu-se tudo honrosamente, sim; e comtudo, Campbell, o senhor é um mau homem, — instigou-me, e dali a instantes expiro nos braços da esposa.

Assim que se divulgou tão triste acontecimento, sollicitado por seus amigos, Campbell ausentou-se da cidade. Não se effectou a minima tentativa no sentido de o prender — e elle, se quisesse, poderia ter-se conservado longe das vistas, até certo ponto. O seu caracter brioso não se conformou porém com o esconderijo; e sem dar ouvidos aos rogos da propria familia, e contra a opinião dos seus conselheiros profissionaes, resolveu arriscar-se a responder perante um tribunal — e em tempo oportuno entregou-se á prisão, em periodo anterior ás audiencias de verão.

Desde o momento em que o malfadado duelista transpôs as portas do carcere, a brandura e o cavalheirismo do seu modo de proceder atrahiram-lhe a commiseração de todo o pessoal da prisão. O governador, confiado no pondonor do seu prisioneiro, não o submeteu a quaesquer restricções; occupava os aposentos do carcereiro-mor, tinha por menagem todo o ambito da prisão, recebia os seus amigos, communicando livremente com quantos o procuravam, e de facto, era apenas captivo nominalmente.

Nunca me hade esquecer o dia 13 de agosto, de 1808. Cheguei a Armagh na tarde do julgamento do major, e quando dei entrada no recinto do tribunal, havia-se retirado o jury afim de considerar qual a sentença que devia emitir. Fora fastidioso o julgamento — sobreviera o crepusculo — e a sala do tribunal, sombria, já de si, mais tetrica parecia ainda ao claro parcial de umas poucas vélas, collocadas no banco em que se sentava o juiz.

Dominava a assembleia mortal anciedade, tolhendo por assim dizer a respiração, e por entre o ominoso silencio reinando no tribunal não se ouvia o mais tenue murmurio. Senti um terror insolito, apertar-se-me o coração, uma difficuldade em respirar, ao relancear, a medo, a vista pela multidão tristonha. Os olhos detiveram-se-me na pessoa do juiz, — era uma entidade magra, de aspecto bilioso, e as suas feições géldas e marmoreas assumiam expressão sobrenatural, mercê da sombra produzida pela disposição accidental das luzes. Estremeci, mal que pus os olhos nelle, — visto como a sorte de um meu semelhante se achava dependente das primeiras palavras emitidas pelos labios d'aquelle rispido e inflexivel anciao. Da pessoa do juiz meus olhos volveram-se para a do criminoso — que assumto não offerecia ao pincel do artista semelhante contraste! Em frente da teia, carregado de lucto, cruzados os braços sobre o seio, á espera da palavra que havia de vir sellar o seu destino. O seu vulto nobre e imponente, immobilizado em attitude serena

e resoluto, era grácil e digno; e ao passo que em cada semblante dos que o rodeavam era visível a morbida ansiedade, nem um titilar sequer das palpebras, nem um fremito dos lábios, denunciavam no nosso prisioneiro o mínimo vislumbre de sobresalto ou de receio.

Ouviu-se então um tenue ruído — abriu-se uma porta devagar e de mansinho, voltaram um a um aos seus lugares os membros do jury — foi formulada a pergunta do costume pelo procurador da corôa, — e *Criminoso*, foi a resposta em tom soturno, acompanhada pela *recomendação* de piedade.

Seguiu-se uma pausa de agonia — o tribunal mantinha silencio sepulchral — o prisioneiro inclinou-se respeitoso, ante o jury, — depois, erguendo-se de pé, com firmeza, erecto a toda a altura, escutou o veredicto com serenidade. O juiz, lento e pausado, pôs na cabeça o barrete fatídico, proferiu a sentença e ouviu-a Campbell — impassíveis um e outro.

Entretantes era emitida a curta alocução selando a sorte do prisioneiro. apenas interrompiam o silencio uns soluços represados — quando porém cessaram os sons, e dos desmaiados lábios do austero ancião se escoou a frase «Deus se compadeça da sua alma», um gemido de horror ecoou por entre o auditorio, e os soldados escossêses, que pejavam o tribunal, ejacularam um «Amen» selvatico, ao passo que nos olhos coruscantes transluzia a que ponto os affectava a sorte do seu malfadado compatriota.

O resultado do julgamento não concorreu a debelar a confiança que o carcereiro-mor depositava na honra do condemnado militar. Quando este recolheu ao carcere, foi apenas exigida e dada uma simples afirmativa de como não tentaria escapar-se; e até ao ultimo instante, disfructou Campbell todas as commodidades e o grau de liberdade compatível com o captiveiro.

Neste entretanto, envidavam-se os maximos esforços no sentido de o salvar. Petições por parte do jury, e assinadas pelo condado em peso, e pelos habitantes de Aarmagh, foram entregues ao lord logar-tenente, o juiz, comtudo, negou-se a recomendar o reu, e nessa conformidade, o governo da Irlanda recusou-se a intervir. Foi interposto recurso, todavia afim de que o caso do desditoso cavalheiro pudesse ser submetido ao rei.

(Continua)

M. DE MACEDO.

* * *

INTERPRETANDO

— Disse o Senhor ao meu Senhor —
«Disse o Senhor Deus, senhor de nós todos, que, está no Céu, ao meu senhor na Terra, o entendimento, com o qual Deus se me revela para me governar».

Miguel d'Arriaga.

O espectáculo da Natureza induz a afirmar com acerto a existencia duma força inteligente, força esta que registam os monumentos e as tradições de todos os povos e que a razão estabelece na formula genérica dum principio axiomático: *Não ha fenómeno sem causa*.

Similhante principio a que não escapa nem se furta coisa alguma, desde o infinitamente pequeno até o infinitamente grande, e desde o possível até o imponderavel, similhante principio incutido mediante os olhos do corpo á visão do espirito, arrasta-nos e enleva-nos perante a prova autentica dum Senhor.

Quer subindo do mais simples ao mais complexo, quer descendo da síntese luminosa; quer mergulhando no mar sem praias do devaneio, quer partindo do real e do positivo, é sempre claro o imperio de leis reguladoras, independentes do homem e dominando o ser.

Substancias e qualidades ou attributos, são outras tantas manifestações inconfundíveis, revelando o Increado.

No efêmero das contingencias transitorias, na circulação universal dos fluidos e no ondear das irradiações etéreas, empolga-nos e arrebatam-nos a maravilha da ordem soberana, que brilha em cada astro e faísca em cada consciencia.

Não pôde, pois, ser negada a propriedade de assertos na frase — Disse o Senhor ao meu senhor.

Jesus, mestre de verdade, falando de Deus como de seu Pae e Senhor, assombrando os discipulos pelo caratér irrepreensível e pelo escrupulo modelo, destacava tanto dos contemporaneos,

muito prêsos á terra, que, acabando os mesmos discipulos por se convencer de que Ele com efeito o Filho de Deus, afirmavam de seu mestre e senhor: Disse o Senhor, Deus, ao meu senhor, Jesus.

Julgo aceitavel esta interpretação literal, mas perfilho a de Miguel d'Arriaga deveras a unica expressiva que a filosofia sujere.

O entendimento está para o homem na mesma relação quasi em que Deus está para o Universo.

Deus é causa de essencia, e causa absoluta; o entendimento é causa relativa.

Ainda que avulte, genial, fica inferiorissimo a Deus, tambem potencia inteligente, o Entendimento-Luz.

Mas o homem aspira ao conhecimento inteiro, á posse indisputavel da verdade, ao Infinito.

Nesta aspiração das facultades do entendimento humano ou relativo, á sua satisfação integral na fonte do saber, o Entendimento absoluto, Deus, revela-se a presença divina, é evidente o fulgir da Luz.

E revela-se com que fim? será para governar o homem? Neste caso, que diferença haveria entre a centelha misteriosa capaz de immortalizar o cerebro dum Newton no conceber da sua lei celebrada, e o gravitar dos corpos celestes nas profundezas da amplidão, imensa e insondavel?

Sem o entendimento, que o distingue dos animaes e o habilita a lêr, munindo-se do telescópio e do microscópio, seja no macrocósmo, seja no microcósmo, o homem permaneceria especioso e irrisorio e este globo que habitamos carceraria de fundamento lojico bem como de acção de vitalidade propria, no sentido psicologico da palavra.

E sem alvedrio para determinar-se, executor de movimentos dentro de orbita fatal, consoante ocorre com os mundos planetarios, de que serviria o entendimento?

Suprimiria a ultima parte — *para me governar* — da especie de comentario transcrito em seguida á primeira linha da epigrafe do presente estudo, se me fôsse licito fazê-lo.

Parece-me oferecer contradição com o que precede, ou, pelo menos, proclamar implicitamente a não liberdade do homem na enerjia de resolução.

Admitindo o entendimento como sendo um meio directo de revelação de Deus com o fim de governar o ser racional, não resulta sem distancia de graus o merito e o demerito?

Haveria até motivo para conservar estes termos na linguagem corrente?

Não seriam sem significado, portanto, vagas e inúteis, as respéctivas idéas que ellas traduzem e ás quaes pretendem corresponder?

No campo científico propriamente dito, é certo predominar a submissão completa da mentalidade ás leis do entendimento, que se impõe com poder irresistivel na luz nitidissima da evidencia.

Entretanto, para se chegar a este ponto, onde cessam as duvidas e as hesitações, ha intervenção necessaria do entendimento, sem o qual, a observação, a experiencia e a analyse ficariam perdidas e mesmo inexplicaveis no amplo cenario das existencias.

O entendimento dignifica a especie humana, que, longe de se deixar governar por suas luzes na vida pratica, envaidece-se nas lutas da ambição vitoriosa e no calor das paixões triumfantes.

— Disse o Senhor ao meu senhor — Palavra mistica e conceito bello, reconheço-lhe mais de um titulo de selo divino, perfeito, na admiravel simplicidade do enunciado, e confesso ajustar-se ao segundo elemento a philosophia contida na definição do comentario, restringindo-lhe porém, o autor, ou desenvolvendo mais o remate, onde escreveu «governar».

Sem embargo, oxalá coubêsse nos destinos do homem uma aliança da liberdade de consciencia com o entendimento, não só nas lucubrações do sabio, mas igualmente nos actos concernentes á familia e naquêles que se prendem á politica e ao governo dos povos.

O progresso avançaria a passos de gigante e a verdadeira e legitima civilização do bem e da paz abranjeria mais seres humanos de polo a polo do orbe terraqueo se, identificando-se por fim a consciencia e o entendimento, este senhor, que nós temos, rendêsse ao Senhor dos senhores, o culto do coração agradecido e purificado nas harmonias do amor.

Que feliz sonho!... o Céu confundindo-se com a Terra... a Aurora, eterna... Deus á nossa vista!

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Monumento à Immaculada Conceição em Viseu

Na Cerca do Seminario de Viseu foi inaugurado, no dia 2.^o de março proximo passado, um monumento à Immaculada Conceição, erigido pela iniciativa do vice-reitor d'aquella casa de ensino, o sr. conego Jose Fructuoso, e seminaristas.

E' o monumento uma obra d'arte apreciavel, devida ao escultor de Coimbra sr. João Machado, artista de grande merecimento e que mais elevou seus creditos n'esta obra que a imprensa da provincia tem largamente elogiado.

O monumento, de marmore nacional, compõem-se de uma columna assente sobre um pedestal ornamentado de flores primorosamente esculpidas, e que se eleva a nove metros de altura, rematando em nuvens que envolvem cabezinhas d'anjos, em volta do globo terrestre, por onde se arrasta a serpente, e sobre o qual se ergue a figura ideal da Virgem na attitude contemplativa e mistica da oração.

E' suave e bella a expressão de seu rosto, como natural caem as roupagens da figura, sem perda da arte.

Quando a estatua esteve exposta no atelier do sr. João Machado, houve uma romaria de visitantes, que durante alguns dias não se cansaram de ir admirar o trabalho do distincto escultor.

Hoje em Viseu ha mais um monumento notavel para admirar, e que, commemorando o quinquagesimo anniversario da definição do dogma da Immaculada Conceição, é um testemunho seguro da piedade e crença dos que para elle concorreram, ao mesmo tempo que uma affirmação brilhante da arte portugueza.

* * *

O MEZ METEOROLOGICO

Maio. 1906

Barometro.—Maxima altura 769.^{mm} em 4.
" Minima " 750.^{mm} " 13.

Thermometro.—Maxima altura 34.[°] em 19.
" Minima " 8.[°] " 1.

Até 24. o thermometro manteve-se baixo, em relação ao normal, mas a partir d'esse dia, elevou-se bruscamente.

Em 24. marcava a maxima 19.[°]; em 25. 23.[°]; em 26. 28.[°]; em 27. 28.[°]; em 28. 32.[°] e em 29. trepou escandalosamente até 34.[°] a maior temperatura observada em Maio, desde 1854. sem precedentes, mantendo-se ainda, em 30. a 33.[°] para passar em 31. a 24.[°].

Vento dominante.—Entre NE. e SE.

Chuva.—43.^{mm} em 10 dias.

Em 13. 9.^{mm}; em 14. 13.^{mm} e em 22. 10.^{mm}.

Nebulosidade.—Bom tempo 9 dias.

Nublado 17 "

Encoberto 5 "



Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. E' o n.º 7, da 4.ª serie, tomo 10, e entre outros artigos contém um do dr. Sousa Viterbo sobre a pintura em tempo de D. Afonso 5.ª e outro, continuação, acerca de azulejos, ambos de erudição muitissimo interessante.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa. Temos deante de nós os n.ºs 11 e 12, da 23.ª serie, 1905, o primeiro dos quaes traz o registo da visita de Loubet á Sociedade, no dia 27 de outubro e insere uma substanciosa comunicação sobre a Guiné por Loureiro da Fonseca, na sessão ordinaria de 5 de junho.

O Oriente Português. Volume 2.º, n.ºs 11 e 12, novembro e dezembro, 1905, da revista da commissão archeologica da India portugueza, impresso em Nova Goa, recomenda-se principalmente pelos estudos *A morte de Bahadur — Em que data morreu S. Francisco Xavier? — A urna funeraria de Affonso de Albuquerque*, respectivamente devidos á penna de João Herculano de Moura, J. B. Amancio Gracias e falecido Luciano Cordeiro.

Anuario da Universidade de Coimbra — Anual lectivo de 1905-1906 — Coimbra — Imprensa da Universidade, 1906. — Continúa o volume que tenho presente, que abrange 300 paginas e insere a oração de sapiencia, recitada pelo dr. Manuel de

Azevedo Araujo e Gama, lente de teologia, continúa, repito, o volume que tenho presente, a honrar as tradições do anuario, sempre interessante.

Grammatica Portugueza, segundo a indole e principios da lingua primitiva com a Reforma Orthographica e a verdadeira origem das Lettras e das Palavras — E' o 2.º fasciculo da nova obra de João Bonança, a que já foi feita referencia n'esta revista. O autor conclue aqui a introdução e inicia a gramatica propriamente dita. As suas afirmações são comprovadas por modo legitimo e revelam profunda erudição.

Rosa Leal — Algumas Palavras sobre a Intubação nas Laryngopathias Syphiliticas — Maio de 1906. — O autor da dissertação assim intitulada, chefe do serviço pharmaceutico naval, expoz com a mais empolgante nitidez o seu assumpto em 71 paginas de texto agradável, mesmo para profanos, e confirmou, sem favor, na opinião ilustrada, o valor do mérito em que é tido.

A sua proposição de medicina legal: «No caso de accumulção dos dois diplomas nem sempre são incompativeis os exercicios da medicina e da pharmacia» — verifica-se na sua pessoa que, á testa de farmacia do Estado, sem relações algumas de carácter particular, póde, em bom direito, exercer clinica onde fór solicitada a sua interferencia.

Nem a lei é ofendida, nem a honra e honestidade do medico ficam em duvida.

Onde Existe a verdade? . . . — O opusculo que tem este titulo, comprehende um texto de 102 paginas, cujo autor, Graça Sousa, o termina por esta fórma: «Instrui-vos!» Com effeito, no dia em que a instrução tiver aberto os cerebros de todos, saber-se-ha, de ciencia certa, onde a verdade existe.

Aristêo Seixas — Noites de Luar (Versos) — Com um prefacio de Carlos Ferreira — São Paulo, Typ. Ideal-FIH Canton. editores, 1905. — Numa elegante brochura de 115 paginas de texto, revelou-se o autor um poeta delicado e um artista digno de louvôr.



ESTATUA DA VIRGEM,
DO MONUMENTO Á IMMACULADA CONCEIÇÃO NA CERCA DO SEMINARIO DE VIZEU
Esculptura de João Machado

Os leitores, vão avaliar por si proprios, em presença dos dois sonetos que vou transcrever:

«Morta Formosa

Sonhei que estavas de um sepulcro á porta,
Branca de neve e morta e regelada . . .
Em sonho vi-te, oh pomba idolatrada,
Num pequeno caixão que te comporta.

Eras formosa e pura . . . mas que importa
Si estavas branca e fria e inanimada,
Fria, branca, no esquife repoisada,
Morta formosa, para sempre morta!

A face te osculei fria de gelo,
Os pés, as mãos, os seios, o cabelo
E todo o corpo pequenino e leve.

E nem pensavas que eu de amor ardia,
Pois morta estavas, para sempre fria,
Fria e fora osa, de um pallor de neve».

«A minha mãe

Quando em ti penso, mãe, quando medito
No puro affecto com que a ti me ligas,
Sinto minh'alma cheia do infinito
Porque é infinito o amor com que me abrigas.

Venço com elle — talisman bendito —
Todas as dôres, todas as fadigas;
E á sua sombra confortado habito,
Vendo-te amiga entre as visões amigas.

Brilhas de amor nos sonhos de teu filho.
Onde appareces prodiga em carinho,
Como em teus sonhos com saudade brilho.

Vives comigo, velas o meu ninho.
E palmilhas os ermos que palmilho,
Iluminando as curvas do caminho».

Ao Brazil, não faltam glorias futuras
na poesia inspirada, nem esperanças rissonhas
nos novos como Aristêo Seixas.

Confesso que notei algum senão; mas
êle desaparecerá em outras composições,
que hão de consagrar-lhe o nome
na patria formosissima e luxuriante.

ANTONIO DO COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas
nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

N.º telephónico, 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

Methodo Berlitz

LISBOA

PORTO

R. do Alecrim, 20 A
1.º e 2.º andar

Rua Sá da Bandeira, 259

Duas medalhas de ouro e prata

Exposição Universal de Paris de

1900 Grand Prix

Exp. de S. Luiz 1904

Exp. de Liege

Ensino pratico

por

Professores estrangeiros

Professores de S. M. El-Rei D. Affonso XIII

Professores de S. A. o Principe Real da Allemanha

Professores de S. A. o Principe Friedr. Wilh. da Prussia, etc.

ENSINO INDIVIDUAL e em CLASSES GRANES, separadas para HOMENS e SENHORAS

Allemao, Inglez, Francez, italiano, hespanhol, portuguez

Os cursos da Academia BERLITZ funcioam todos os dias das 8 da manhã ás 10 horas da noite

Messageries de la Presse Française

CASA FUNDADA EM 1879

RUA AUREA, 146, 1.º

A mais antiga e a unica que se dedica exclusivamente á venda e assignatura de JORNAES e PUBLICAÇÕES estrangeiras. Grande sortimento de jornaes de Modas.



À melhor agua de mesa conhecida

AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO-COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Deposito geral:

Rua do Arco do Bandeira, 216, 1.º

LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 18500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos

os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacete de 500 grammas 600 réis